

Na Ceilândia, estudar significa superar o medo

OMEZIO PONTES

Nos últimos tempos, estudar em colégios das cidades-satélites tem sido muito mais do que "procurar fixar na memória ou aplicar a inteligência", conforme definição de qualquer dicionário. Na Ceilândia, a satélite mais violenta do Distrito Federal, estudar pode ser sinônimo de aventura, persistência e, porque não dizer, suicídio. Da mesma forma, trabalhar nas escolas da Ceilândia também pode receber essas definições. Um pacto de silêncio reina entre professores e alunos, que admitem o clima de terror mas preferem não falar dele. Quando muito, falam mas não se identificam. A situação é mais tensa nas aulas noturnas, mas os estudantes do diurno também

São 19h20 de quinta-feira, 9 de março. Há dois dias os estudantes das cidades-satélites — em especial os da Ceilândia — foram alfinetados por mais uma cena de violência no interior de colégios com o esfaqueamento de Juliana Alves Nunes, na Escola Normal da Ceilândia. Num dos colégios de clima mais tenso naquela satélite, o Centro Educacional nº 08, ou Colégio Maria do Rosário — nome dado em homenagem à professora assassinada naquele local há menos de dois anos por assassinos — a tensão no rosto dos alunos que se prepararam para mais uma noite de aulas é evidente.

O aspecto da entrada do colégio serve para reforçar ainda mais a tensão. Após o assassinato de Maria do Rosário, a direção do estabelecimento construiu um muro de mais de três metros de altura, complementado por uma tela de arame farpado em forma de forquilha. Pelo portão, fechado com placas de ferro, o porteiro aguarda a hora de permitir a entrada dos alunos, observando-os por um pequeno visor, que também fecha a cada instante em que ele precisa ausentar-se do portão.

Logo no início da entrada dos alunos — controlada por uma autorização provisória distribuída pela direção enquanto aguarda as carteirinhas de estudante —, a tensão aumenta. Muitos estudantes — e outro tanto que apenas tenta se fazer passar por alunos — alegam ter esquecido ou perdido a autorização. As discussões com o porteiro são constantes e muitas vezes chegam a ameaças e até agressões, quase sempre contornadas pela assistente da direção responsável pelo funcionamento do colégio no turno da noite. "Até que eles me respeitam", diz, com modéstia, a professora que prefere não se identificar, alegando que "aqui tudo é muito perigoso".

REVISTA

Enquanto isso, do lado de dentro do colégio, aqueles que conseguiram entrar — lícita ou ilícitamente — observam os constantes bate-bocas no portão, perdendo com isso grande parte do tempo que teriam para estudar. Não bastassem os desentendimentos e confusões no portão de entrada, a secretaria do CE-08 da Ceilândia também é outro foco de tensão. No colégio funcionam apenas cursos supletivos até a 8ª série, cujos alunos têm dificuldades para

entender as orientações e se irritam com facilidade.

Nesta quinta-feira, um episódio ocorrido na sala de assistência da direção do CE-08 serviu para ilustrar bem a tensão no local. Dois rapazes solicitaram permissão à responsável pelo colégio para estudarem em alguma sala vazia, alegando que eram do Corpo de Bombeiros e teriam uma prova em breve. A autorização foi concedida, mas antes — muito constrangida — a professora pediu desculpas aos rapazes e disse que teria de pedir a um aluno que os revisasse, para verificar se eles não estavam armados. Feita a revista, constatou-se que eles estavam "limpos". Desta vez esses desconhecidos estavam bem intencionados.

As 20h20, o clima no local já é menos tenso — a maioria dos que entraram já está nas salas de aula. A reportagem do CORREIO BRAZILIENSE segue para outro colégio problemático da Ceilândia, a Escola Classe nº 12, do Setor "O". A fama se justifica logo. Pouco antes das 21h, uma confusão ao lado do muro acaba num tiro. Uma dupla de policiais militares que faz a ronda de rotina pelas imediações sai correndo atrás dos suspeitos. De pouco adiantou. Tanto o autor do tiro quanto a vítima — que não deve ter sido atingida — somem pelas ruas escuras do Setor "O". "Aqui escutamos tiros todos os dias", relata um estudante.

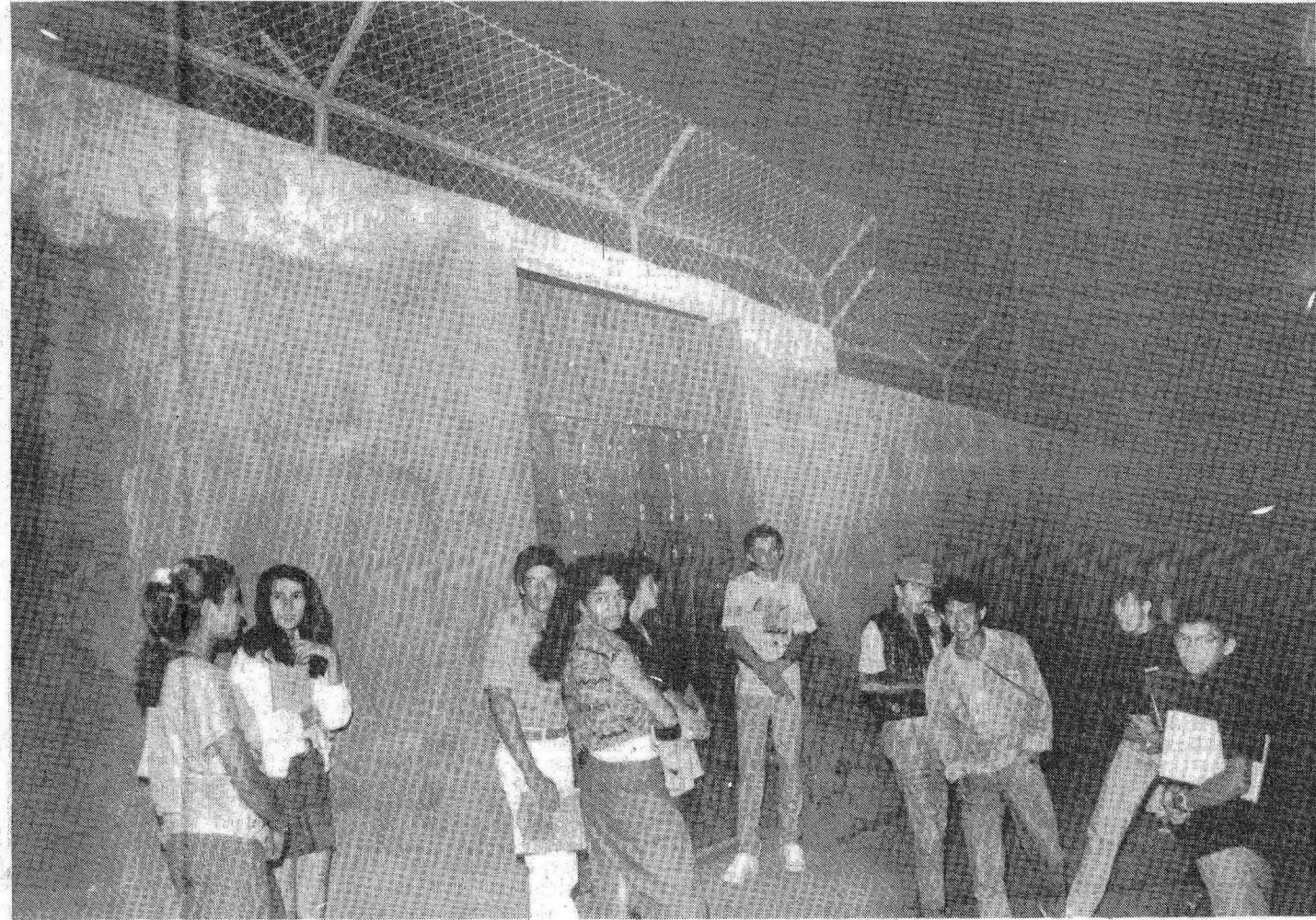
Bem perto dali, no Centro Educacional nº 9, do Setor "O", a situação parece menos tensa, até porque no local funciona basicamente o curso do 2º grau. Mas, mesmo assim, a entrada dos alunos é controlada pelo guarda e pela vice-diretora, Sílvia Marques, que diz fazer o serviço no "olhômetro", pois as carteirinhas ainda não foram confeccionadas. Não adianta muito, já que a cerca de tela do lado direito do portão tem um buraco por onde dá para passar um adulto.

REVÓLVER

A aparente tranquilidade no CE-9 do Setor "O" é desmentida pelo pai de uma aluna do noturno, que como de praxe, prefere ficar no anonimato. "Semana passada, no primeiro dia de aula, vim deixar minha filha aqui e vi um sujeito mal-encarado mostrando um revólver para qualquer estudante que passasse perto dele. Agora é que não deixo ela vir sozinha e já estou pensando até em tirá-la daqui", relata o pai, um funcionário público que prefere perder algu-

passam por situações alarmantes. Em menos de quatro meses, duas cenas de violência indignaram e alarmaram ainda mais pais e estudantes. Primeiro foi o assassinato — por engano — em plena sala de aula da estudante Dilsa Lourenço, em novembro passado no Gama. Terça-feira passada, quase a tragédia se repete. A normalista Juliana Alves Nunes foi esfaqueada por um assaltante que tentou roubar seu relógio em pleno pátio do seu colégio — Escola Normal da Ceilândia. Dois dias depois, a 15ª DP conseguiu prender os dois marginais — um deles menor. Eles alegaram estar sob efeito de bebidas alcólicas misturadas com psicotrópicos, o que reforça a crença do secretário de segurança de que a violência nas escolas está diretamente ligada ao consumo de drogas.

FOTOS: ADAUTO CRUZ



Enquanto o portão da escola não é aberto, olhares se perguntam: quem é aluno, quem espreita a espera de um golpe?

mas horas de descanso em casa a deixar a filha andar sozinha nas ruas da Ceilândia, "principalmente à noite", lembra.

Outro que não dá essa brecha aos marginais é Alex Rodrigues de Souza, funcionário do GDF, que todas as noites vai buscar a esposa e a cunhada no Centro de Ensino nº 3 da Ceilândia Sul. "Venho direto do trabalho para cá, fico esperando mais de 40 minutos e só janto quando chego com elas em casa. Apesar disso, é melhor do que dar oportunidade aos marginais", argumenta.

A noite de quinta-feira passada no CE 16, Ceilândia Norte, foi aparentemente tranquila, ao contrário das duas anteriores, "de arrepiar" na descrição do porteiro e de alunos. Segundo eles, quarta-feira três marginais invadiram o pátio da escola por volta das 20h e ameaçaram o assistente da direção com um revólver. Enquanto o professor correu para dentro de uma sala, os três desconhecidos foram até o portão e assaltaram um aluno, roubando-lhe um par de tênis e uma jaqueta.

Ao contrário da maioria dos colégios da Ceilândia — cercados com muros altos e proteção de arame farpado — o CE-16 é bastante vulnerável, pois não possui nem mesmo portão de controle de acesso de pessoas aos corredores e salas de aula. "Aqui os marginais entram à vontade e tomam objetos de alunos e professores", conta um professor que já foi vítima dos marginais, ficando sem um gravador.

As 22h40, a neurose de mais um dia num colégio da Ceilândia está próxima do fim para os alunos e professores. Em grupos, os estudantes saem a passos largos e rápidos, agora para a aventura da caminhada até suas casas, na maioria das vezes passando por matagais, becos escuros e ruas com pouco movimento. Nesta hora, os professores levam uma certa vantagem, pois, segundo a diretora-assistente do CE-08, da Ceilândia Norte, fizeram um pacto para não ficar ninguém a pé na saída do colégio. Pelo menos até Taguatinga, vai todo mundo (professores e funcionários da administração) de carro. Para os vigias, entretanto, o pesadelo segue noite adentro, pois têm de dormir numa das salas dos colégios. "Se eu notar algum barulho, a única coisa que posso fazer é ligar para a polícia, pois não tenho nenhuma arma", conta um deles, cuja situação é idêntica à dos demais, já que a Fundação Educacional não fornece — e nem permite — que eles utilizem armas.